



Representações sociais da homossexualidade e produção de subjetividades na organização escolar

Nadia Patrícia NOVENA¹

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi analisar as representações sociais da homossexualidade dos alunos da Educação Básica e compreender como estas servem de referência para a produção de subjetividades. Para a apreensão das representações sociais levantamos os discursos de alunos na faixa etária de 13 a 17 anos, de ambos os sexos, da escola da pública estadual (escola A) e da rede privada (escola B), do Recife, a cerca da sexualidade. A partir da elaboração de um roteiro de entrevista aplicamos a técnica de entrevista semi-estruturada. Definimos a análise de conteúdo, considerando as referências de Bardin (1988) e Bauer e Gaskell (2002), para tratar as informações e discursos produzidos pelos alunos. As representações sociais da homossexualidade quando situadas na organização escolar, se organizaram em torno de certos eixos, a saber: como anormalidade, anomalia, pecado, imoralidade, produzindo crescente estigmatização e homofobia na sociedade.

HOMOSSEXUALIDADE, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADES E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR.

ABSTRACT

SOCIAL REPRESENTATIONS OF HOMOSEXUALITY AND PRODUCTION OF SELVES IN THE SCHOOL ORGANIZATION

This paper intends to analyse social representations of homosexuality, as a reference to the production of selves, among students of the Primary/Secondary School. In order to understand social representations, we collected discourses of students ranging from 13 to 17 years old, who were enrolled at a public state school (school A) and to a private school (school B), both located in Recife. We took boys and girls into consideration and made questions about sexuality. Interviews were based on a semi-structured technique, out of a previously conceived script. We followed Bardin (1988) and Bauer & Gaskell (2002) to define the information collected among students. The social representations of the homosexuality when placed in the school

¹ Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco/UPE. Recife – Pernambuco – Brasil. novena@uol.com.br

organization, they were organized around certain axes, to know: as abnormality, anomaly, sin, immorality, producing growing estigmatização and homofobia in the society.

Key Words: HOMOSEXUALITY, SOCIAL REPRESENTATION, SELVES AND SCHOOL ORGANISATION.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA HOMOSSEXUALIDADE E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

As mudanças que vêm acontecendo no mundo de maneira mais profunda e acelerada a partir do final do século XX e início do século XXI nos aspectos econômico, social e político têm transformado as paisagens culturais de classe, gênero, raça, etnia e sexualidade.

Em especial, a configuração dos relacionamentos interpessoais se multiplicou, modificando a dinâmica de constituição da família, dos relacionamentos conjugais, sexuais e amorosos produzindo novos arranjos e, portanto, novas práticas e formas de estabelecimento de vínculos afetivos e sociais, como as relações entre as pessoas do mesmo sexo – a homossexualidade –, que repercutem necessariamente na produção das subjetividades. Nesse sentido, esse estudo se propõe a analisar as representações sociais da homossexualidade dos alunos da Educação Básica e compreender como estas servem de referência para a produção de subjetividades.

Porém, antes de procedermos à análise dos discursos dos adolescentes sobre suas impressões, visões e opiniões sobre esta representação social, a homossexualidade, faz-se necessário uma breve apresentação sobre as duas tendências que emergiram como forma de abordagem dessa temática: a primeira calcada numa determinação natural do desejo, o essencialismo histórico, e a segunda, em sua determinação cultural, o construcionismo social.

A perspectiva do essencialismo histórico ostenta a convicção de que há algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos e em sua fisiologia, na forma de um instinto ou energia sexual, que define a identidade homossexual. Um dos autores que se destaca no estudo da identidade sexual a partir desta perspectiva é John Boswell, sustentando a idéia de que a essência da identidade de um mesmo gênero sempre existiu ao longo de boa parte da história, ao menos até a época sobre a qual se tem conhecimento (BOSWELL, 1980; 1992; 1994; 1998).

Em um de seus estudos, Boswell (1998) ofereceu evidências de que as igrejas cristãs nem sempre condenaram relações sexuais entre pessoas do mesmo gênero, havendo até mesmo um ramo do catolicismo que chegou a abençoar uniões entre esses indivíduos. Indo além, esse estudioso observa que uma identidade especial estava, de fato, ligada a amantes do mesmo sexo nas culturas antiga e medieval (BOSWELL apud LIPKIN, 1999, p. 15). Embora os essencialistas admitam que os nomes para o sexo entre pessoas do mesmo gênero e seus praticantes tenham variado com o passar do tempo, argumentam que um tal desejo sempre tornou uma pessoa significativamente diferente das demais. Os amantes de mesmo gênero, para os essencialistas, eram socialmente rotulados e internalizam a idéia de distinção em sua própria mente.

Recentemente, alguns estudos biogenéticos teriam evidenciado a partir da análise de um grupo de homens homossexuais a existência de uma versão diferente do cromossomo X masculino, o qual seria responsável pela tendência homossexual (CONNOR E WILKIE, 1993). Nessa mesma direção, um estudo realizado em 1995 evidenciou uma relação entre homossexualidade e impressões digitais. Na comparação entre heterossexuais e homossexuais,

estes teriam 30% mais de estrias na mão esquerda (BOSWELL,1998). Evidentemente, muitas dessas conclusões ditas científicas, mereceriam ser revistas à luz de outras hipóteses.

Acreditamos, pois, que na medida em que a heterossexualidade é privilegiada em nossa sociedade, as vias heterossexistas podem influenciar as abordagens de pesquisa nos levando a questionar os resultados destas pesquisas a partir de algumas questões como: quem define as questões e os objetos de estudo? O que é considerado e ignorado nos estudos? Sob um viés sexista, como considerar o fato de as pesquisas sobre a homossexualidade masculina serem mais recorrentes que as do lesbianismo? Sabemos que todo projeto científico se estabelece a partir de valores sociais e culturais que estão, a todo o momento, envolvendo o pesquisador. Acreditamos então, que muito mais que discutir os estudos e seus resultados vale refletir sobre os motivos que levam à busca da etiologia da homossexualidade, de modo a evitar os perigos de análises fixadas por preconceitos.

No sentido oposto, a perspectiva do construcionismo social problematiza a constituição pré-fixada da identidade sexual, argumentando que essa é produzida numa teia de diferentes significados culturais, simbólicos e eróticos. Os autores que representam esta concepção têm questionado amplamente os estudos essencialistas, afirmando que uma tal identidade homossexual não existia antes dos fins do século XIX (RUST, 1995, p. 27; LIPKIN, 1999, p. 16; WEEKS, 1999, p. 43).

Os construcionistas sociais acreditam que todas as identidades são inventadas e modeladas por forças sociais, ou seja, para eles a sociedade forneceria instruções e modelos para que fossem desempenhados os papéis ligados à identidade. Além disso, ratificam a idéia de que não há essência biológica da sexualidade que seja imune à influência social e que até mesmo as fantasias sexuais se constituiriam num roteiro aprendido no plano social (RUST, 1995, p. 27; LIPKIN,1999, p. 16; WEEKS, 1999, p. 43). Nessa linha de reflexão, o construcionismo social privilegia a idéia de que a homossexualidade seria definida por uma escolha ou opção sexual do próprio indivíduo.

Essa afirmação tem gerado algumas dúvidas em relação a essa perspectiva no sentido de questionar se alguém conseguiria, de fato, fazer uma escolha ou uma opção. Ou seja, partindo dos pressupostos da existência da bissexualidade e do inconsciente apontadas por Freud, até que ponto as pessoas teriam condições de dirigir seu desejo para a homossexualidade? Tendemos a concordar com a posição de Trevisan (2000), para quem as pessoas fariam sim uma opção ou escolha sexual de serem socialmente homossexuais e não a opção ou escolha de desejarem homossexualmente (p. 34).

Em síntese: os estudos e discussões em ambas as perspectivas não apontam para alguma conclusão a respeito da etiologia da homossexualidade. Mantém-se com isso, o estado da dúvida e da incerteza, proporcionando, de um lado, o estímulo para a continuação dos estudos, o que em certa medida aprofunda a discussão e reflexão sobre esse tema e, de outro, o impedimento da normatização da homossexualidade. Mesmo assim, ela se mantém como uma representação que indica a multiplicidade, a plasticidade e complexidade da sexualidade humana.

Ao situarmos os estudos sobre a homossexualidade na área das ciências sociais, vemos que esses se multiplicaram com o surgimento da AIDS, a partir da década de 1980, da mesma forma que os estudos sobre a prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (LOYOLA, 1999, p.31). Mesmo considerando a importância desses estudos delimitados no campo epidemiológico, faz-se necessário reconhecer que esses também promoveram um

fortalecimento da associação da sexualidade à sua dimensão biologizante e naturalizada², trazendo de volta a oposição entre o bom sexo e o mau sexo, o normal e o patológico.

A literatura mais recente nessa área apresenta uma tendência de revisão da concepção naturalizada das temáticas que envolvem a sexualidade, em especial, a homossexualidade (LOYOLA, 1999), considerando que essas não são fixas, seus significados e conteúdos variam ao longo da história, de uma sociedade para outra, entre os diferentes grupos sociais em uma mesma sociedade e ao longo da própria vida dos indivíduos.

Para além das temáticas de cunho científico, há também um movimento de entendimento da homossexualidade a partir do senso comum que influencia a formação de opiniões, atitudes, estereótipos e que produzem representações sociais. É fundamental considerar, pois, quais são as representações sociais em torno da homossexualidade e como os indivíduos que “encarnam” essas representações sociais as comunicam. Uma definição simples sobre a representação social é a seguinte:

... um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crença das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso-comum (MOSCOVICI, 1981, p. 43).

Nesse estudo, a representação social foi compreendida também, como uma forma de dispositivo de produção de subjetividades, pois além de ser social e historicamente produzida, a partir da esfera do cotidiano e do senso comum, atribui sentido e significado aos diversos elementos que constituem o dispositivo (discursos, instituições, organizações; o dito e o não dito). Foucault (1998), ao apresentar o termo dispositivo, afirma que a sua composição e função referem-se a:

... um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas; são elementos do dispositivo, o dito e o não dito. O dispositivo é um tipo de formação que, num determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência, tendo, portanto uma função estratégica dominante. Em suma, o dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (p.244).

Assim, as representações sociais participarão da constituição de dispositivos discursivos como, por exemplo, os que atuarão nas organizações escolares estabelecendo, implícita ou explicitamente as “verdades” sobre a homossexualidade.

As representações sociais, “enquanto formas de conhecimento prático que orientam as ações do cotidiano”, (SPINK, 1995, p.121) intermedeiam a relação entre o sujeito e o objeto e ao fazê-lo possibilitam ao sujeito construir o mundo como a si próprio, pois através da atividade simbólica e a partir da busca de sua história individual relacionada à história da sociedade da qual faz parte, o sujeito apreende o seu ambiente, construindo e reconstruindo mentalmente o seu objeto (mundo) dentro de um contexto de valores, noções e regras. Realizadas e veiculadas no discurso, sendo esse, portanto, depositário e portador de significados, as representações sociais

² Na dimensão biologizante e naturalizada, a sexualidade é identificada somente como genitalidade e heterossexualidade (LOYOLA, 1999, p.33).

participam da criação da realidade à qual se referem, pois, ao expressarem uma visão do grupo ou da organização, permitem a seus membros lá se reconhecer e se investir.

Para a apreensão das representações sociais na vida escolar, elaboramos um momento onde buscamos levantar os discursos de alunos na faixa etária de 13 a 17 anos, dos sexos masculino e feminino, vinculados a uma escola da rede pública estadual (Escola A) e da rede privada (Escola B), na cidade do Recife, a respeito da homossexualidade.

A partir da elaboração de um roteiro de entrevista estruturado em quatro módulos – 1. Dados pessoais; 2. Percepções acerca da homossexualidade; 3. Tratamento do tema homossexualidade por parte da organização escolar –, aplicamos a técnica de entrevista semi-estruturada. Definimos a análise de conteúdo, considerando as referências de Bardin (1988) e Bauer e Gaskell (2002), para tratar as informações e discursos produzidos pelos alunos. Esse momento permitiu a aproximação e a compreensão das representações sociais construídas, como também, permitiu entender a maneira delas se constituírem em referências para a produção de subjetividades compartilhadas pelos atores da organização escolar.

As representações sociais da homossexualidade quando situadas na organização escolar, se organizaram em torno de certos eixos, a saber: como anormalidade, anomalia, pecado, imoralidade, produzindo crescente estigmatização e homofobia na sociedade.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA HOMOSSEXUALIDADE: ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS ADOLESCENTES.

Os adolescentes assim expressaram em seus discursos as suas impressões, visões e opiniões sobre esta representação social, a homossexualidade. O questionamento sobre a causa da homossexualidade esteve presente com frequência nos discursos dos adolescentes.

“Eu fico pensando às vezes porque a pessoa é assim desse jeito?” (Aluno da escola A, 13 anos).

“A gente ouviu falar tanta coisa sobre isso, mas eu queria saber de onde isso vem?” (Aluno da escola B, 13 anos).

“Cada um fala uma coisa diferente, mas ninguém sabe dizer mesmo por que essas pessoas são desse jeito. Você sabe por quê?” (Aluna da escola A, 14 anos).

Essa necessidade de buscar uma causa para a homossexualidade pode ser explicada, de um lado, pela dificuldade que a sociedade tem para lidar com a dúvida ou com a ausência de uma explicação para algum fenômeno, pois uma das referências fundamentais da atual sociedade é a ortodoxia cultural e política presente na busca pelo conhecimento científico. No entanto, vale questionar por que essa dificuldade se apresenta de maneira mais profunda quando dirigida à homossexualidade, pois em geral, as pessoas não parecem indagar sobre outros tipos de preferências como, por exemplo: por que algumas pessoas preferem carne a peixe, vermelho a amarelo, ou ainda preferem uma religião a outra?

Por outro lado, acreditamos que a crescente visibilidade dos homossexuais, iniciada nos anos de 1970 e, especialmente, em meados da década de 1980, tenha criado um certo desconforto, senão uma ameaça à suposta ordem social, pois quando um grupo observa algo atípico e, por suas próprias razões e também por razões socialmente determinadas, classifica-o como diferente, um interesse intenso sobre a sua causa começa a aflorar.

Acreditamos que independente da razão –, seja ela genética ou influenciada pelo meio social –, da produção do desejo homossexual, a preocupação deveria estar centrada no significado que essas relações têm para as pessoas, nas dificuldades e prazeres vivenciados por elas e no questionamento do medo e da repressão à homossexualidade.

Na mesma medida em que os adolescentes questionaram a causa da homossexualidade, diferentes explicações foram apresentadas. Uma delas diz respeito à organização e à dinâmica familiar.

“Assim, problemas em casa entendeu, assim tem pai que briga com a mãe, que espanca, daí a pessoa se revolta e pensa assim: “não, eu não gosto de mulher, eu gosto é de homem”, “vou ser homossexual”, entendeu?” (Aluno da escola B, 14 anos).

“Agora eu acho muito estranho esse negocio de homossexual, não sei se é por falta de diálogo na família que a pessoa vira. Eu acho que se os pais falassem mais com os filhos, eles não ficavam desse jeito” (Aluna da escola A, 16 anos).

É interessante observar que os adolescentes atribuem à família a responsabilidade pela escolha ou opção sexual de seus filhos. Acreditamos que esta posição esteja enraizada na concepção de que a família de hoje, diferentemente daquela apresentada no século XIX, de base higienista, não estaria conseguindo atingir seu objetivo de responsabilidade e manutenção da boa conduta moral e sexual de seus membros. Diante dessa dificuldade, “o desviante” teria espaço para surgir.

Ainda em relação à família, outros significados foram apontados quanto à adoção de crianças por homossexuais.

“Que nem aquele caso daquela cantora Cássia Eller, eu acho assim meio estranho, acho que pode ser difícil pra aquele moleque ficar com aquela amiga dela, porque ele vai ouvir muita coisa... ele pode até virar homossexual” (Aluno da escola A, 15 anos).

“Eu acho que se o pai for boiola, o menino vai ser também e se a mãe for sapatão, a menina também. Eu não acho que eles possam adotar crianças” (Aluna da escola B, 16 anos).

É interessante observar que existe a idéia de que a criança que cresce num ambiente familiar que enfatize um determinado tipo de comportamento ou atitude passaria a reproduzi-los em suas ações. Se assim o fosse, como poderíamos explicar então os casais heterossexuais que têm filhos homossexuais?

Além disso, a adoção de crianças por homossexuais pode representar uma ameaça à hegemonia da família nuclear e do casal heterossexual, já que em nossas sociedades estes detêm o monopólio da infância. Daí, a recusa a tal tentativa (TREVISAN, 2000, p. 208).

Outras explicações apontaram a homossexualidade como uma escolha ou opção individual, sendo classificada como um fenômeno normal na atual sociedade.

“A homossexualidade assim, isso hoje em dia é normal... quase tudo hoje em dia é normal” (Aluno da escola A, 14 anos).

“Hoje em dia a pessoa tem livre arbítrio pra ser o que ela quiser e ninguém tem que se meter nisso. Hoje em dia é normal” (Aluna da escola B, 16 anos).

No entanto, esta visão que aponta a homossexualidade como um fenômeno normal, por vezes se apresentou de maneira preconceituosa, conflituosa e estigmatizada nos discursos dos adolescentes.

“Eu acho normal hoje em dia... assim eu não tenho preconceito por pessoas assim, tipo assim, eu não deixo de falar, eu não viro a cara, eu tento tratar direito estas pessoas” (Aluna da escola A, 16 anos).

“Eu acho normal. Teve até um dia que eu encontrei na rua com um cara lá da rua que eu moro e eu fiquei conversando com ele. Eu achei ele até um cara legal” (Aluno da escola B, 14 anos).

Acreditamos que a normalidade quando situada dessa maneira esteja representando o que Foucault nomeou de poder normativo, ou seja, a norma não teria por função excluir e rejeitar, ao contrário, ela representaria um poder que é inventivo e que detém em si os princípios de intervenção, transformação e de inovação. Daí, a tentativa de expressão de um discurso de normalização, ao invés de um discurso de repressão e de não aceitação da homossexualidade (FOUCAULT, 2001, pp. 62 e 65).

A homossexualidade como uma prática anormal, uma doença e um desvio sexual expressando a base da perspectiva essencialista histórica também foi apresentada pelos adolescentes.

“Eu acho que a pessoa nasce assim porque ela tem um DNA que passa de geração pra geração, por isso que hoje em dia tem muito. A pessoa nasce com o DNA. Eu tenho pena dela porque a pessoa não tem culpa, porque ela nasce com a essência disso” (Aluno da escola A, 17 anos).

“Eu acho que isso é doença, a pessoa nasce com esse defeito. Eu acho que não tem cura” (Aluna da escola A, 16 anos).

“Eu não entendo como uma pessoa que nasce homem e vira boiola. Se ela nasceu homem, ela é homem. Só que a gente vê uns homens por aí que são mulheres... eu não sei se de repente deu alguma doença, até uma doença nos órgãos genitais deles” (Aluno da escola B, 15 anos).

Como vimos anteriormente, embora a perspectiva do essencialismo histórico não tenha conseguido até hoje confirmar que a homossexualidade se originaria a partir de alguma determinação natural, a necessidade de justificar essa vivência da sexualidade por meio dessa perspectiva parece apontar para a contínua presença de preconceitos arraigados na sociedade brasileira (TREVISAN, 2000, pp. 31 e 32).

Vimos também que, embora o termo homossexual se referisse inicialmente a uma forma distinta de sexualidade, como uma variante benigna, no final do século XIX e começo do século XX, a Psicologia, com a necessidade de definir mais claramente os tipos e as formas do comportamento e da identidade sexuais, instituiu uma noção de sexualidade categórica na qual a homossexualidade passou a ser vista como uma força que preocupava, consumia, pervertia e incriminava o invertido. Daí, a sua classificação como perversidade sexual e como doença.

Vale salientar que, no Brasil, a consideração da homossexualidade como doença, desvio ou transtorno sexual somente foi revista após algumas campanhas nacionais lideradas pelo Grupo Gay da Bahia, em 1985. A partir daí passou a ser classificada pelo Ministério da Saúde como “outras circunstâncias psicossociais” da mesma forma que o desemprego, o desajustamento social e as tensões psicológicas (TREVISAN, 2000, pp. 367 e 368). Já a eliminação do termo homossexualismo do Cadastro Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde foi um pouco mais tardia, pois ocorreu somente em 1993 (TREVISAN, 2000, p. 383).

Foucault (2001), ao analisar a questão do saber e do poder, em especial do biopoder, situa o domínio da anomalia a partir do século XIX e aponta que de uma maneira ou de outra não haverá praticamente nenhuma doença que não decorra da etiologia sexual (p. 75). A partir dessa afirmação, Foucault descreve o domínio da anomalia a partir de três indivíduos “perigosos”: o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e o masturbador. Acreditamos que a representação desses três indivíduos possibilite uma analogia com o homossexual. A característica comum desses três indivíduos é que representariam, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas a violação das leis, mas uma violação das leis da natureza, estabelecendo com isso um duplo registro: a infração às leis em sua existência mesma (FOUCAULT, 2001, p. 69).

As suas variações estariam vinculadas ao contexto de seu aparecimento já que, enquanto o monstro humano é por definição uma exceção, pois ele “é o ponto de inflexão da lei, é o que combina o impossível com o proibido, é a forma natural da contranatureza”, o indivíduo a ser corrigido é um fenômeno corrente e na medida em que está imediatamente próximo da regra, sempre vai ser difícil determiná-lo e, portanto, corrigi-lo, e o masturbador, que aparece como um indivíduo quase universal, já que a “masturbação é o segredo universal, o segredo compartilhado por todo mundo, mas que ninguém comunica ninguém, ou seja, quase ninguém sabe que quase todo o mundo pratica” (FOUCAULT, 2001, p. 74).

Para Foucault (2001), esses três indivíduos começam a se isolar a partir do século XVIII e a serem incorporados e absorvidos, pouco a pouco, pela noção de anomalia presente até os séculos XIX e XX (pp. 69 a 75).

A homossexualidade e sua relação com a anomalia foram apresentadas pelos adolescentes também como um desvio moral e como pecado.

“Eu acho que também tem pessoas que fazem isso por safadeza... falta de educação, gente que só quer aprontar. Essa gente não tem educação, não sabe dizer o que é certo e o que é errado na vida” (Aluna da escola A, 13 anos).

“Que nem aquela cantora, a Cássia Eller, ela morreu drogada, o filho dela ta aí e não pode fazer nada... às vezes eu acho que foi castigo porque ela era pecadora” (Aluno da escola B, 13 anos).

“Isso não é normal, pra mim é pecado porque Deus ele não permitiu isso, ele fez o homem pra ficar com a mulher e pronto” (Aluno da escola A, 15 anos).

Com a Contra-Reforma Católica, deflagrada pelo Concílio de Trento no século XVI, a *sodomia*, conceituada pelo vocabulário teológico-moral na Antiguidade e Idade Média, referia-se tanto ao sexo oral e anal no casamento ou não e à relação sexual entre indivíduos do mesmo sexo. Era considerado um desvio ditado pelo demônio e, portanto, um pecado gravíssimo, que não prescrevia jamais (LIPKIN, 1999, p. 19; TREVISAN, 2001, p. 110).

A substituição desse controle religioso por uma ordem científica normatizadora, no Brasil, deu-se de maneira marcante a partir da terceira década do século XIX, através da ideologia higienista que instituiu uma educação cientificamente programada para ambos os sexos com fins de controlar e prevenir os desvios de toda ordem. Assim, no lugar do dogma cristão, o padrão de normalidade se constituiu na principal referência para os indivíduos (TREVISAN, 2001, p. 175).

A relação da homossexualidade com as doenças sexualmente transmissíveis, em especial, a Aids, foi assim apresentada pelos adolescentes entrevistados:

“Depois, eu acho também que a gente não tem que estar muito perto de homossexuais porque eles podem passar muitas doenças, a AIDS mesmo existe por culpa deles, porque eles transavam muito sem camisinha e aí o vírus foi passando de uma pessoa pra outra e agora, todo mundo pode pegar, até mulher casada, porque se o marido transar com outra pessoa, ela também acaba pegando” (Aluna da escola B, 15 anos).

“Essas doenças que tem por aí, a Aids mesmo são culpa deles. Eles saem transando com todo mundo, transa com gente que não presta daí dá nisso, todo mundo pega Aids hoje em dia. É tudo culpa destes boiola, tudo viado” (Aluno da escola A, 17 anos).

A partir dos anos 80, a Aids começou efetivamente a representar uma grande ameaça à saúde da população brasileira. Os meios de comunicação passaram a discutir as causas, os sintomas e por vezes, de maneira sensacionalista, relataram casos de portadores do vírus, de preferência, pessoas que apresentavam alguma visibilidade social.

Dentre as formas de contágio do vírus da Aids, a que provocou um maior impacto na sociedade foram as relacionadas com a prática sexual, especialmente a prática do coito anal, que foi associada pela nova versão da ideologia higienista, anteriormente apresentada, aos homossexuais, responsabilizando-os com isso pela propagação do vírus da Aids para toda a sociedade. Dessa forma, o homossexual passou a ser considerado um indivíduo devasso, perigoso, anormal e, por vezes, encarado como drogado, irresponsável e delinquente. Daí a Aids passa a representar no imaginário social uma doença obscena, uma doença que surgiu para castigar os que apresentavam algum comportamento sexual desviante (SONTAG, 1989, p. 31).

Esse estigma atribuído aos homossexuais os situou no chamado grupo de risco, aumentando com isso a homofobia (medo ou aversão aos homossexuais) já que estes estavam diretamente relacionados à Aids e, portanto, à morte.

Embora se faça ainda essa relação, o quadro epidêmico apresentou algumas mudanças no final da década de 1990, com a diminuição de homossexuais infectados e um aumento de heterossexuais e de mulheres infectadas. Em 2000, na faixa etária de 15 a 19 anos, 2,8% das mulheres estavam infectadas, e entre 20 a 24 anos, as estatísticas indicavam um número maior, 13,2%. Em relação ao sexo masculino, da mesma maneira, na faixa etária de 15 a 19 anos, 1,9% estavam infectados, e entre 20 e 24 anos o percentual aumentou para 9,6% (BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO, 2003).

A partir da generalização da epidemia, a sociedade passou a desconsiderar os chamados grupos de risco, diante da comprovação de que a Aids infectava indistintamente heterossexuais e homossexuais. É interessante observar que mesmo diante deste quadro, há a necessidade de se manter e se criar ou recriar discursos nem sempre novos, que expressam a estigmatização e a homofobia.

A estigmatização foi assim apresentada nos discursos dos adolescentes:

“Tinha um vizinho meu, que eu sempre achei ele homossexual... tinha um jeito de falar assim, meio estranho, ele falava que nem uma mulher, mas como ele era meu vizinho, eu não podia ficar sem falar com ele... e agora que eu conheço ele melhor eu acho que ele não é homossexual, ele é até muito legal, é um cara assim que ajuda muita gente, sempre que eu precisei dele ele me ajudou, é que ele tem um jeito mais diferente, é mais assim preocupado com as pessoas...ele ajuda todo mundo do bairro. Hoje a gente se dá super bem” (Aluno da escola A, 14 anos).

“Uma vez eu não quis namorar um carinha aqui do colégio, porque eu não gostava dele, não tava a fim, daí todo mundo ficou falando de mim, falando que eu não gostava de homem, me chamaram até de sapatão, ficaram falando que eu era chegada só em mulher... eu fiquei assim triste porque até minhas amigas ficaram falando isso de mim, daí eu fiquei até sem querer falar com elas...” (Aluna da escola B, 14 anos).

“Na 7ª série tem um menino que é frango, ele anda todo estranho, ele parece uma mulher andando, ele rebola mais que muita mulher, agora assim ele fica na dele... parece até que ele é legal. Eu sempre vejo ele junto das meninas e elas gostam muito...” (Aluno da escola B, 16 anos).

É interessante observar que essas características descritas nos discursos acabam constituindo subjetividades que colocam esses alunos, apontados como homossexuais, num lugar subjugado, reduzindo-os a uma pessoa inferior, desacreditada, sem valor e até deformada.

Considerando o conceito de estigma a partir da perspectiva do desacreditado, conforme apontado por Goffman (1988, p. 13), o homossexual se apresenta como um ser que não é completamente humano, o que no imaginário social representa um perigo e uma ameaça, produzindo com isso atitudes de violência e de discriminação dirigidas a ele. Por representar um perigo, já que no imaginário social ele se apresenta como um ser que não é completamente humano, compreendem-se as atitudes de violência e de discriminação diante do homossexual.

Por outro lado, embora a identidade sexual seja arbitrária e freqüentemente instrumento de opressão, pode se tornar, ainda assim, importante para as pessoas pertencentes a minorias. Um rótulo diferente que seja supérfluo ou limitador pode trazer conforto e fortalecer aqueles que estiverem numa condição de marginalidade ou fraqueza. Muitas mulheres, negros e homossexuais encontram solidariedade e resistência em outros que a eles se assemelham. Outros, no entanto, internalizam o estigma. No caso dos homossexuais, a homofobia faz com que alguns homossexuais se afastem de homens afeminados, mulheres abrutalhadas e travestis.

Há de se considerar também que o homossexual estigmatizado tende a ser violentado através de ações como: desprezo, afastamento, exposição ao ridículo; instala-se a homofobia que se expressa através de uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais, já que a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade (LOURO, 1999, p. 29).

“Eu acho que ele é até legal, mas eu não gosto de ficar com ele porque senão todo mundo vai dizer que eu sou, principalmente porque eu sou novato, as pessoas ainda não me conhecem direito” (Aluno da escola B, 14 anos).

“Eu acho que o homossexual não tem que assim morrer, que nem o menino da 8ª que pegaram ele na hora da saída. Diz que ele apanhou, apanhou e parece que até gostou...” (Aluno da escola B, 15 anos).

“Eu penso que o homossexual deve morrer porque se nasceu homem e vira frango, ele nasceu homem e tem que morrer homem. E com a mulher a mesma coisa. Isso é papel de gente safada. Tanta mulher no mundo, pra ser frango” (Aluno da escola A, 14 anos).

O aumento da expressão pública dos movimentos sexuais coloca hoje duas situações discrepantes: de um lado são abandonadas as formas de desprezo e rejeição e são incorporados alguns traços de comportamento, estilo de vida e moda, característicos dos grupos homossexuais, e, de outro, tem acirrado as manifestações antigays, estimulando a organização de grupos que têm revigorado campanhas conservadoras de toda a ordem, levando inclusive a uma maior expressão de rejeição e violência.

Como exemplo desse aumento de violência aos homossexuais, o Grupo Gay da Bahia (GGB) vem publicando relatórios periódicos, com listas de homossexuais assassinados em todo o país. Esses relatórios têm demonstrado uma tendência crescente: se em 1995 os casos contabilizados foram 99, em 2001, são 132.

Em relação aos casos de suicídio, não se tem estatísticas a este respeito no Brasil; no entanto, nos Estados Unidos já existem pesquisas comprovando como os embates ao se descobrir homossexual, na adolescência, são responsáveis por grande parte das tentativas de suicídio de rapazes, indicando uma incidência sete vezes mais alta entre adolescentes homossexuais, comparativamente aos heterossexuais (TREVISAN, 2000, p. 190).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos nos discursos dos adolescentes que a homossexualidade é representada de maneira estigmatizada. Uma das formas pelas quais esta estigmatização aparece é pelas explicações a respeito das causas da homossexualidade. Ora ela é atribuída a questões naturais como a genética, por exemplo (essencialismo histórico), ora refere-se a questões sociais (construtivismo social) como sendo causas responsáveis do desejo homossexual. Tais representações denotam a homossexualidade como algo desconhecido, estranho e anormal; algo, portanto, que precisa ser explicado e justificado de alguma maneira, para “poder” existir.

Outras explicações apresentadas apontam para a homossexualidade como uma escolha ou opção individual, sendo classificada como um fenômeno normal na atual sociedade. Porém, uma leitura um pouco mais cuidadosa revela que essa representação social da homossexualidade como normalidade, produzida na organização escolar tem, em geral, por objetivo exercer um poder não mais pela rejeição ou pela repressão, mas sim pela aceitação da homossexualidade, cumprindo a função de um dispositivo de controle. Será que ainda é muito difícil para a organização escolar encarar o que aparentemente estaria do avesso?

Constatamos, ainda, que mesmo a partir da desconsideração por parte da sociedade dos chamados grupos de risco – com a comprovação de que a Aids infecta indistintamente heterossexuais e homossexuais –, a Aids continua representando no imaginário social uma doença obscena, uma doença dos homossexuais. Continuam a se reproduzir representações sociais na organização escolar que expressam a homossexualidade por diferentes “desvios”: como anormalidade, anomalia, pecado, imoralidade, produzindo crescente estigmatização e homofobia na sociedade.

Por fim, embora a repressão e a não aceitação da homossexualidade estejam mais evidentes nos discursos dos adolescentes, vimos também a presença de significados que apontam para a normalização da homossexualidade, indicando de um lado a idéia de incorporação de uma forma de poder não mais excludente em relação ao desviante, mas de um poder que incorpora este outro diferente e desviante com a intenção de transformá-lo num outro igual e, portanto, normatizado.

Acreditamos que essa movimentação esteja permitindo de uma forma ou de outra a intensificação e aprofundamento das discussões a respeito das sexualidades alternativas, propiciando a possibilidade de mudança quanto à assimilação e aceitação do outro diferente, repercutindo com isso na produção das subjetividades.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1988.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som, um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO. Brasília. Ano 17, n. 1, jan./junh. 2003.

BOSWELL, J. Before the closet: Same-Sex Love from Beowulf to Angels in America. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

_____. Categories, experience and sexuality. In A. J. Frantzen. *Forms of Desire: Sexual Orientation and the Social Constructionist Controversy*, ed. Edward Stein. New York: Routledge, 1992.

_____. Christianity, social tolerance, and homosexuality. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

_____. Same Sex Unions in Premodern Europe. New York: Villard, 1994.

CONNOR, S. & WILKIE, T. Saiba tudo sobre o suposto gene gay, *Folha de São Paulo*, 25 de julho de 1993.

FOUCAULT, M. Os anormais, curso no Collège de France (1974-1975), São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GOFFMAN, E. Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

LIPKIN, A. Understanding homosexuality, changing schools. Colorado, Westview Press:1999.

LOURO, G. L. Segredos e Mentiras do Currículo. Sexualidade e Gênero nas práticas escolares. In: SILVA, L. H. da. (org.). *A Escola Cidadã no Contexto da Globalização*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 33-47.

LOYOLA, M. A. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEIBORN, M. L. (org.). *Sexualidade – o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 31-39.

MOSCOVICI, S. On social representations. In: FORDAS, J. P. *Social cognition perspectives on everyday understanding*. London: Academic Press, 1981. p. 33-48.

RUST, P. C. Bisexuality and the challenge to lesbian politics, sex, loyalty and revolution. New York and London: New York University Press, 1995.

SONTAG, S. Aids e suas metáforas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SPINK, M. J. (org.) Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1995.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In GUACIRA, Lopes Louro (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.